



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES. CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

VERÔNICA SILVA DE SOUSA LIMA

O NORDESTE MODERNO NA LITERATURA DE CORDEL.

**GUARABIRA – PB
2014**

Verônica Silva de Sousa Lima

**○ NORDESTE MODERNO ○ NA
LITERATURA DE CORDEL.**

Guarabira – PB
2014

Verônica Silva de Sousa Lima

O NORDESTE MODERNO NA LITERATURA DE CORDEL.

Artigo apresentado em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em História à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, sob a orientação da Prof^ª. Mariângela Nunes.

Guarabira – PB

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732n Lima, Verônica Silva de Sousa
O nordeste moderno na literatura de cordel [manuscrito] : /
Verônica Silva de Sousa Lima. - 2014.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Mariângela de Vasconcelos Nunes, Departamento
de História".

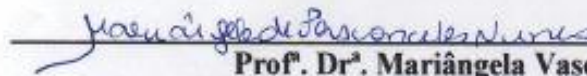
1. Modernização 2. Literatura de Cordel 3. Conflitos
culturais. I. Título.

21. ed. CDD 981

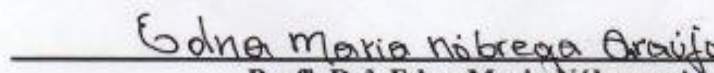
Verônica Silva de Sousa Lima

O NORDESTE MODERNO NA LITERATURA DE CORDEL

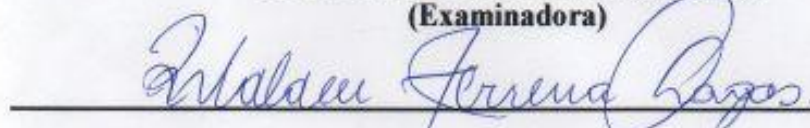
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr.ª Mariângela Vasconcelos Nunes
(Orientadora)



Prof. Dr.ª Edna Maria Nóbrega Araujo
(Examinadora)



Prof. Dr. Waldecir Ferreira Chagas
(Examinador)

Aprovada em 27 de Fevereiro de 2014

Guarabira – PB
2014

Ao meu avô, Manoel Trigueiro, em nome de quem dedico aos amantes da cultura popular.

Dedico também aos meus pais e a todos que, de alguma forma, participaram de minha formação acadêmica.

Agradecimentos

Agradeço ao Deus da vida, pela graça de concluir mais um projeto.

Aos meus familiares, pelo apoio e união, que me fortalecem diariamente.

Ao meu irmão Paulo, pelo exemplo de superação, em quem me espelhei para continuar.

Agradeço a minha orientadora Mariângela pela paciência e companheirismo e aos componentes da banca examinadora, Waldecí e Edna, pela seriedade e disponibilidade.

Ao meu esposo, Aldací, pelo incentivo constante e pela confiança dedicada a mim e aos nossos planos.

*O poeta cria rápido
Os versos que vai cantar
O historiador planeja
As aulas pra ensinar*

*O poeta nos encanta
Na feira com sua viola
O historiador inventa
Novos métodos na escola*

*Os dois falam sobre o povo
Do tempo velho e do novo
Labutam sem descansar*

*Um trabalha com a história
O outro com a memória
Brincam de improvisar.*

Verônica Silva.

RESUMO

Este artigo analisa os discursos tecidos pela Literatura de cordel sobre o período de modernização/urbanização no Nordeste, e no Brasil, durante o século XX. As mudanças comportamentais e culturais implantadas no país neste período forçavam o homem rural a afastar-se de sua cultura tradicional e de seus costumes. No entanto, são gerados conflitos culturais entre o moderno, proveniente da Europa e valorizado pelos governos do sul/sudeste, e o tradicional, preservando o modo de vida tranquilo dos agricultores sertanejos, baseado na moral religiosa. Para fundamentar o estudo sobre a modernização das cidades, temos Chagas (2004), Sousa (2001) e Sevcenko (2008). Quanto à Literatura de cordel, a pesquisa foi realizada a partir de Antologias e, sobretudo, com o auxílio da internet, a exemplo do site Casa de Rui Barbosa. Compreendemos que a Literatura de cordel não apenas reproduz as histórias de trancoso e cantorias, mas torna-se porta voz do homem do campo na defesa dos costumes e estrutura familiar, formada no respeito e na dedicação da esposa e mãe. Com isto, concluímos que a linguagem do cordel não pode ser considerada atrasada, machista ou conservadora, mas é atual, na alerta contra os males do novo.

Palavras-chave: Modernização; Literatura de Cordel e Conflitos culturais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Modernização no Nordeste: Uma visão cordelista sobre o século XX.	
OS NOVOS ANOS DA MODERNIDADE	12
SAINDO PARA AS RUAS	17
O SERTÃO: LUGAR DA TRADIÇÃO	18
OS CORDÉIS: REPRESENTAÇÃO DOS “BONS COSTUMES”	20
A MULHER NO CORDEL	23
BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS.....	27

INTRODUÇÃO

Para esse artigo foi usado como fonte a literatura de cordel analisando a relação entre as práticas modernizadoras, instalada no Brasil em fins do século XIX, e a abordagem dos cordéis sobre as consequências desta modernização. Foram também relevantes, para melhor compreender os impactos destas mudanças, sobretudo, na Paraíba, a tese do prof. Waldeci Chagas, entre outros.

Os cordéis surgiram no Nordeste brasileiro no fim do século XIX, com o incentivo do poeta paraibano Leandro Gomes de Barros, um pioneiro nesta arte. Os folhetos traziam antigas histórias medievais, romances, notícias para “entreter o povo” e transcreviam algumas trovas, conhecidas popularmente por cantorias.

Os folhetos eram vendidos nas feiras e podiam ser comprados por pessoas de todas as classes sociais, devido ao seu baixo custo. Por abordar várias situações do cotidiano, o cordel divertia, informava, instrua, expressava a opinião da população, em especial, que vivia na zona rural.

Trabalhar com Cordel, usando-o como fonte, é uma atividade complexa no ofício do historiador, que necessita localizar temporalmente os fatos, enquanto aos cordelistas falta esta preocupação em identificar datas e local de produção das obras. Quando datadas, esses dados tornavam-se ilegíveis pela má conservação, ou manuseio, já que um único folheto era lido várias vezes, muitas delas com as mãos sujas e/ou suadas; amassados nos bolsos ou nos terreiros das casas entre as crianças, passados de mão em mão. Nesta realidade, não só as datas, como coleções inteiras, não resistiram ao desgaste do tempo.

Com a imprensa a favor dos políticos e letrados, censurando manifestações de intelectuais que eram contra a modernidade, os folhetos nos permitem ir além da necessidade de modernizar-se, mostrando-nos a necessidade de conservar o respeito e a moral, que se perdia, segundo os próprios cordelistas, com os novos modos.

De um modo geral os cordeis se tornaram porta voz da população nordestina, rural, e reforçaram os sentimentos tradicionalistas durante a modernização/ urbanização das cidades nas primeiras décadas do século XX.

este artigo, foi destacado ainda, um panorama das cidades paraibanas a partir da modernização na primeira metade do século XX e são enfatizados temas como a mulher e a moral, que aparecem com frequência nos cordeis analisados.

Modernização no Nordeste: Uma visão cordelista sobre o século XX.

OS NOVOS ANOS DA MODERNIDADE

O conceito de modernização, difundido na Europa a partir da Revolução Industrial ocorrida em meados do século XVIII, foi baseado em teorias que excluíam os povos economicamente pobres. O desenvolvimento necessário aos países civilizados ocorreria pela industrialização dos meios de produção, pela urbanização dos espaços públicos, pela civilização moralizadora, seguindo um modelo eurocêntrico, no qual era necessário mostrar-se com elegância, consumir tecidos finos, jóias, além dos meios de transporte. Uma sociedade em que só poderia ser moderno aquele que tivesse condições econômicas suficientes para esbanjar requinte e poder.

O cenário brasileiro do século XIX era divergente do ideal europeu considerando que as ruas iam sendo povoadassem alinhamento, de forma aleatória, e estavam frequentemente “esburacadas”, com vegetação rasteira e lixo, pois os populares preocupavam-se prioritariamente e unicamente, com a limpeza das casas, mas apenas da “fachada para dentro”. O mal cheiro era insuportável e o ambiente era propício ao desencadeamento de doenças, já que “os espaços entre as construções eram ocupados por lixo, assim como as ruas”. (SILVA, 1997, p. 169)

Com a vinda da família Real para o Brasil, em 1808, fizeram-se necessárias algumas mudanças a exemplo do embelezamento no ambiente e o modo de vida da população, notadamente na capital do Rio de Janeiro. Para que o Brasil pudesse parecer cada vez mais com a Europa, ações progressistas e relevantes foram se fazendo mais frequentes à exemplo da abolição da escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889). Estes acontecimentos, maqueados como “vitórias da nação”, favoreceram, sobretudo, as elites, enquanto para os demais, pouco mudou para melhor. A Abolição, por exemplo, marginalizou os “ex-escravos”, identificando-os como incompatíveis ao serviço público e os substituindo nos campos pelos imigrantes europeus. Segundo GIANNOTTI¹, no início do século XX, os negros e pobres foram varridos do centro carioca, local do avanço, do progresso, e foram para as encostas de montes afastados, amontoando-se sem planejamento algum. SOUSA confirma, pois o centro era o local de modernização, enquanto “o lugar do pobre e do trabalhador é o subúrbio”. (2003)

¹ GIANNOTTI, 2007. Cit. p. 50-51.

No Brasil, o processo modernizador causava desconforto mesmo às pessoas pobres, e também às ricas, que, deveriam substituir as práticas tradicionais conhecidas por “desconhecidas”, a exemplo do hábito de consultar um médico e comprar medicamentos ao invés de cultivar e consumir remédios naturais. Outro exemplo claro fora o hábito de as mulheres grávidas serem acompanhadas por uma parteira no momento do parto e não por um médico ou farmacêutico. SEVCENKO, ao se referir às mudanças causadas pela modernização na cidade do Rio de Janeiro, diz que:

“Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose, conforme veremos adiante: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizatória da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.”(1995, p. 30)

Historicamente, esta realidade parece ser aceita de forma “pacífica” pelos populares do início do século XX, mas os termos condenação, negação, expulsão rígida na citação acima nos convence de que, na verdade, lhes foi imposta. O tradicionalismo, ou elementos e práticas consideradas “atrasadas” que lembrassem o período da monarquia passou a ganhar descrédito e até mesmo repressão. As ruas e casas, deveriam seguir o modelo imposto pelos órgãos de saúde e prefeituras. Deveria ser alterada toda sua estrutura, para torná-la mais agradável ao conforto dos que ali habitassem. Caso não pudessem realizar tais mudanças, “os proprietários seriam multados por descumprir o Código de Postura”. (CHAGAS. 2004, p. 136)

A modernização brasileira, que se expandiu após a Proclamação da República e foi intensificada a partir dos anos 20 e 30 do século XX, era percebida mais claramente, nos grandes centros, principalmente as capitais dos estados, expressando-se nos meios de transporte, no modo de vestir-se, na necessidade de comprar, nas ruas pavimentadas, nos meios de comunicação, entre outros. Os governos, de modo geral, iniciaram as melhorias nos centros com um “ideal sanitarista”, alargando as ruas, realizando calçamentos e saneamentos. As construções que ocupavam os centros, fossem casas comerciais, residências de grandes proprietários, ou mesmo igrejas, a exemplo da Igreja do Rosário em Campina Grande – PB, deram lugar às novas construções, arejadas e requintadas.

No Nordeste, grandes proprietários foram prejudicados com as demolições dos antigos casarões. Interessante notar que os senhores de terras foram perdendo seus patrimônios, seus valores culturais, e também seu lugar de prestígio na sociedade, pois:

“Inseridos nesta zona de conflitos simbólicos entre o respaldo da tradição e a inexorabilidade do processo modernizador, os componentes das elites urbanas em formação se desdobravam pra garantir-se na posição que ocupavam no corpo social. Por vezes recorriam a exaltação das antigas insígnias. Por outras, deixavam-se envolver pela epidemia do novo, ambos excludentes” (WANDERLEY, 2010 p.118)

Nesta sociedade moderna a leitura também foi incentivada, mas disponível apenas aos abastardos, tornando-se as livrarias, junto às docerias e clubes, um novo “símbolo e local de encontro das novas elites letradas e comerciais”. (SOUSA, 2003)

.Ainda em fins do século XIX, além dos livros de literatura, os homens e mulheres liam os jornais, que informavam sobre os acontecimentos do país e do mundo, “ensinavam” como deveriam portar-se os homens e mulheres civilizados e anunciavam os produtos franceses e as lojas que os disponibilizavam.

“A frequência com que os anuncios eram divulgados denotam não só imposição do consumo, mas ‘a tensão entre a novidade, que era ao mesmo tempo admirada e temida, e a tradição, que era ao mesmo tempo respeitada e desvalorizada’.” (CHAGAS, 2004, p. 128-129)

Desta forma, o universo rural e iletrado utilizou também da literatura popular para defender suas práticas e preservar as novas gerações da realidade considerada imoral, e que se instalava nas cidades. Diante das modificações urbanas e culturais, ocorridas durante as primeiras décadas do século XX, alguns folhetos “reescrevem a história”, mostrando a população nordestina como vítima, do processo devastador imposto pela modernidade e alertam os leitores sobre os males provenientes do novo.

Nos primeiros trabalhos, a exemplo de “As cousas mudadas” do cordelista Leandro Gomes de Barros², já percebe-se um teor crítico em relação à modernidade que se instalava em todo o país, desde os meados do século XIX, contrapondo os costumes tradicionais, até então comuns. As investidas dos governos no saneamento e no embelezamento das ruas, passava a interferir diretamente nos modos e costumes populares e religiosos, e na ansiedade de promover uma modernização generalizada, descartavam todas as lembranças dos períodos Imperial e Colonial.

Nos primeiros anos do século XX, as cantorias e pelejas, antes organizadas para divertir os festejos religiosos, passaram a ser reproduzidas em folhetos, juntamente às histórias

² Leandro Gomes de Barros (1865-1918) é considerado pioneiro na produção de cordéis e o maior poeta popular do Brasil, no seu tempo, com cerca de 240 obras. Teria começado a produção de cordéis em 1906, em uma pequena gráfica de sua propriedade, e foi o autor de obras-primas a exemplo de “O cavalo que defecava dinheiro”, “Donzela Teodora”, “O soldado jogador”, “A confissão de Antonio Silvino”, entre outros.

medievais, romances, aventuras, que antes eram memorizadas e oralizadas. Segundo José Viana de Azevedo³, em conversa informal, a procura por cordéis ocorria, na maioria das vezes, por pessoas simples e que não sabiam ler.

O intenso analfabetismo na região Nordeste não impediu a expansão deste meio de comunicação, pois, ainda segundo José Viana, sempre havia alguém letrado que, durante as noites, disponibilizavam-se a ler os folhetos e “eram rodeados pelas pessoas que se deleitavam ouvindo” as histórias adquiridos nas feiras. Era comum nas zonas rurais, onde não havia iluminação elétrica, a reunião de pessoas e famílias vizinhas na casa dos que soubessem ler para apreciar a poesia sertaneja. Assim, o cordel também se torna um instrumento de socialização, pois muitos tinham vontade de lê-los e se interessavam para isto, como o exemplo de Manoel Trigueiro de Sousa⁴, que após enfrentar duras situações e castigos na escola, abandonou-a e foi alfabetizado por seu irmão mais velho lendo os cordéis.

Os trovadores⁵ não eram bem vistos e não podiam se apresentar nos centros das grandes cidades, mas continuavam presentes no meio rural, exaltando a cultura tradicional e também divulgando o conteúdo dos folhetos, que também tinha a função “jornalística” de informar as pessoas dos lugares distantes, como nos confirmou José Viana de Azevedo.

A literatura de cordel aborda e explora os mais variados temas (sociais, culturais, econômicos, políticos) atingindo as pessoas de todas as classes sociais, trazendo uma carga de informações. PROENÇA cita Orígenes Lessa para afirmar que:

“Em geral, os poemas populares são de fundo religioso e emprestam às suas histórias um sentido construtivo e moralista.(...) Muitos combatem em tom profético ou messiânico o relaxamento dos costumes, a corrupção dos governos, a desagregação da família.”(PROENÇA, 1982, p. 40)

Ao abordar as mais diversas possibilidades de discursos, mesclando o cotidiano com questões religiosas, percebemos que nos cordéis dois pontos norteiam as críticas à modernidade. O primeiro enfatiza as punições que as pessoas sofreriam caso aderissem às práticas consideradas modernas a exemplo do folheto “A moça que dançou com uma caveira”, do autor Francisco Sales Arêda⁶. Pergentina, no embalo da dança, desafia a sorte:

³ José Viana de Azevedo, (1955 – 58 anos) é poeta popular, natural do estado Maranhão e residente em João Pessoa – PB, entrevistado pela autora em 2013.

⁴ Manoel Trigueiro de Sousa é aposentado, repentista, natural de Pernambuco e residente na zona rural de Duas Estradas – PB, entrevistado pela autora em 2013.

⁵ São popularmente conhecidos como cantadores de viola ou de repentes, violeiros, repentistas, etc.

⁶ Francisco Sales Arêda nasceu em 1916 em Campina Grande – PB e faleceu em Caruarú – PE no ano de 2005. Em 1946 foi publicado seu primeiro folheto, tendo sido autor de mais de uma centena de histórias a exemplo de “As presepadas de Pedro Malazarte”, “os três irmãos caçadores e o macaco da montanha”, etc.

Quem quiser mais eu me arroche

Que quero me derreter

eu sou é peinha mesmo

acocha pra ver doer

hoje danço com o diabo

se ele me aparecer

(...)

Quando deram duas voltas

Ele foi mudando de cor

Ficou um esqueleto preto

Fazendo um triste rancor

Criou chifre, péia e cauda

Como um dragão traidor

Após o desespero de todos os que participavam da festa, e a situação em que se encontrava Pergentina, imunda e desfalecida com os “arrochos” dados pela caveira, Cosme, organizador dos sambas, reconhece seu erro e promete mudar suas atitudes:

Então depois desse dia

Cosme disse eu reconheço

Que o samba é u'a miséria

Agora vou dá-me apreço

Nunca mais eu faço samba

e toda noite eu rezo um terço.

O segundo é a construção do passado como um “tempo de ouro” quando existia respeito na sociedade, sendo a falta deste uma “consequência da modernidade” muito criticada. É imenso o número de poetas que, como Antônio Batista Guedes⁷, lamentam as atitudes “malandras” de crianças e jovens, seja contra a religião, contra os mais velhos, quando diz:

Antigamente os pais

Tinham mais religião

A família que criavam

Tinha a obrigação

De aprender a doutrina

⁷ Antonio Batista Guedes nasceu em 1880 na cidade de Bezerros – PE e faleceu na cidade de Guarabira – PB em 1918, Teria sido “discípulo de Silvino Pirauá, iniciando suas poucas produções em 1903.

E respeitar a lei divina

Com jejum e confissão.

Assim, grande parte dos cordéis que criticavam a modernidade, denunciavam quase sempre a troca de práticas religiosas por mundanas e a utilização de maneiras desrespeitosas.

SAINDO PARA AS RUAS

As modificações urbanas, ofendiam a fé cristã, principalmente quando as igrejas foram sendo demolidas para a construção de novos espaços públicos. As pessoas da elite, notadamente identificadas como projeto modernizador, se tornaram mal exemplo, pois foram trocando os festejos religiosos por bailes, passeios, afetando a moral e os bons costumes segundo os religiosos e conservadores. As atitudes de Vergniaud Wanderley, prefeito de Campina Grande entre 1940 e 1945, não foram aceitas por muitos, por considerarem que, além de destruir “templos sagrados”, desabrigou pessoas que moravam no centro em moradias insalubres:

“Ao final da sua obra, nos trechos onde antes eram vistos dois largos estruturados em torno de duas igrejas, territórios de sociabilidades tradicionais, tinha-se agora uma longa e larga avenida, com duas praças e um cinema, alguns cafés e confeitarias, uma praça de automóveis e diversos edifícios municipais e estaduais (...)” (SOUSA, 2003)

O cordelista Antonio Batista Guedes, ao comparar as situações presentes e passadas, indaga:

Hoje então, o que é que vemos?

São os tais pais de família

Proibir a confissão

E levar filhos e filhas

Pra teatros imorais

E cinemas inda mais

E indecentes quadrilhas

Nos cordéis também encontramos discursos contra o modo de vida vaidoso assumido pela parcela da população que queria firmar-se civilizada, usando “um bom corte de tecido”, perfumes caros, exibindo-se nos passeios públicos no intuito de “afastar-se dos tipos comuns” de personalidade. No verso de Antônio Batista Guedes, o crescimento das vaidades é o principal motivo para a decadência dos hábitos, pois afasta os homens da lei católica:

*Este mundo, antigamente
Uma lei só o regia
Era outra educação
O tempo melhor corria
Mas cresceram as vaidades
E hoje se vê novidades
Que dantes jamais se via*

O período anterior à modernidade é visto como um tempo em que não havia distinção entre ricos e pobres em questão de vestimentas, ou não havia a enorme diferença que estava se fazendo necessária existir com os novos hábitos de comprar e exibir-se nas praças e jardins. Silvino Pirauá⁸, cordelista, critica a valorização das honras passageiras:

*Vai tudo numa carreira
Envelhece a mocidade,
A avareza e a vaidade
É quer queira ou não queira;
Tudo se torna em poeira,
Cá nesta vida cansada
É uma lei promulgada
Que vem pela mão Divina,
O dever assim destina
E tudo vem a ser nada.*

O SERTÃO: LUGAR DA TRADIÇÃO

É importante lembrar que a denominação Nordeste, pela Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), criada em 1919, para, destacar a área do “Norte” desprovida das chuvas, a partir da imagem da “grande seca de 1877” e marcada pela produção tradicional e insuficiente de açúcar e algodão, desvalorizados diante da produção cafeeira de São Paulo. (JÚNIOR, 2008, p. 137).

⁸ Silvino Pirauá de Lima, nasceu em 1848 na cidade de Patos - PB e é tido como introdutor dos romances em versos. Além de ilustre violeiro, foi um dos primeiros cordelistas da tradição da Literatura popular, Faleceu em 1913, vítima da varíola, na cidade de Bezerros – PE. Entre as obras, citamos “Zezinho e Mariquinha”; “História das três moças que queriam casar com um só moço” além da criação do gênero de cantoria martelo agalopado”.

A partir da década de 20, com a separação entre a “área amazônica” e a área ao leste do país, foram sendo tecidos discursos que privilegiavam o Sul, provocando uma “senação de fragilidade”, mas também de “discriminação” e “vitimização” para o Nordeste.

Em 1926, com o Congresso Regionalista do Recife, um encontro entre artistas, estudiosos e políticos do Nordeste, unindo a maioria dos estados (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe) em defesa das tradições, da história e da memória.

“O Congresso teria em vista salvar o ‘espírito nordestino’ da destruição lenta, mas inevitável, que meaçava o Rio e São Paulo. Era o meio de salvar o Nordeste da invasão estrangeira, do cosmopolitismo que destruía o ‘espírito’ paulista e carioca, evitando a perda de suas características brasileiras” (JUNIOR, 2008, P. 140-141)

O sertão, considerado lugar menos desenvolvido do Nordeste, embora enfrente as duras secas também possui suas belezas naturais e é mais resistente na preservação dos costumes e modos tradicionais dos sertanejos. Luiz Rodrigues Lira⁹, poeta cordelista, ao falar sobre “As coisas do meu Sertão” reafirma como local calmo, de vida simples, com um povo acolhedor, respeitador e temente a Deus. Afirma ainda que:

*No sertão tudo é direito
Alí em qualquer aldeia
O povo é bom e ordeiro
Não usa de ação feia
Quem ali chega com fome
Só sai de barriga cheia*

Para aqueles que viviam “nos sertões” e que seguiam os costumes de vestuários “antigos”, os excessos do modismo ofendiam os princípios da moral, como defende o cordelista pioneiro, Leandro Gomes de Barros no poema “As cousas mudadas”:

*E note bem não há moda
Que chegue e não nos ofenda
É tanta moda que vem
Que não há quem compreenda
Muito breve os homens fazem
Calça e camisa com renda*

⁹ Luiz Rodrigues Lira nasceu na cidade de Moreno – PE e escreveu as obras “As proezas de João Malazarte”, “O pobre é quem se desgraça” e “A pedra misteriosa e os ladrões de Bagdá”. Foi pouco reconhecido, tendo como fonte mais disponível sobre sua vida, uma autobiografia, datada de 1983, quando já estava sem saúde, residindo em Bayeux - PB. Não há informações sobre sua morte.

À medida que a população absorve os novos valores, vai afastando-se dos conceitos religiosos. Não apenas os cordéis relatam esta realidade, visto que outros autores, como SEVCENKO percebem o estabelecimento de relações impessoais cada vez mais constantes ao nos dizer que “por todo lado ecoam testemunhos amargos sobre a extinção dos sentimentos de solidariedade social e de conduta moral” que haviam nos séculos passados. Assim, o individualismo, contrário à caridade cristã estava mais visível nos lugares que se deixavam levar pelo modernismo.(1995, p.39). Enquanto nos cordéis, as declarações de amor à terra são comuns, embora os poetas não relatem uma realidade harmoniosa, considerando que os homens parecem estar mais próximos do demônio e de sua vontade do que das vontades de Deus. Suas atitudes são vistas como imorais como nos relata o cordelista Francisco das Chagas Batista¹⁰ no trabalho “Os horrores do inverno de 60”:

*Hoje o povo só abraça
Ódio crime e maldade
Futebol, banho de praia
Tubioza iniquidade
Carnaval escândalo e moda
Tudo contra a divindade.*

OS CORDÉIS: A REPRESENTAÇÃO DOS “BONS COSTUMES”

O cordel assume um papel “catequético” e pedagógico abordando reflexões, lições/exemplos de vida e ensinamentos de personagens religiosas (principalmente Padre Cícero e Frei Damião). Em alguns casos, as ações consideradas imorais são associadas às obras do demônio, tal como aparece na estrofe do cordel “A corrupção de hoje em dia”, do poeta José Soares¹¹:

*O motivo desses diabos
Vir ao mundo nos tentar
É só devido ao escândalo*

¹⁰ Francisco das Chagas Batista nasceu em Teixeira - PB (1882) e faleceu em João Pessoa - PB (1930). Publicou, em 1929, o livro “Cantadores e Poetas populares, contendo as mais antigas e confiáveis informações sobre esta forma poética. Deu forma poética a Clássicos da Literatura como “A escrava Isaura” e “Imperatriz Porcina”.

¹¹ José Francisco Soares nasceu em Alagoa Grande - PB em 1914 e faleceu em 1981, em Timbaúba - PE. Seu primeiro folheto foi “Resumo do Brasil por estados” de 1928, e “O incêndio das barracas de fogos em Garanhuns” foi concluído duas semanas antes de sua morte. Chegou a possuir uma gráfica em Recife entre 1960 e 1963.

Que o povo não quer deixar

Até mesmo o inocente

Que ainda não tem dente

Também já sabe pecar

Diante de tantas “atrocidades” os cordéis ganham um tom profético, relembrando a mensagem do livro bíblico do Apocalipse, afirmam que todos estes acontecimentos seriam sinais da volta de Cristo, gerando terror em relação aos fins dos tempos. Os leitores deveriam arrepender-se das obras pecaminosas, afastar-se delas e procurar o caminho da salvação. No cordel “A corrupção de hoje em dia”, José Soares afirma:

Pra sinal de fim de mundo

O que é que falta mais

Filho amigado com mãe

Filha amigada com pai

Os irmãos com as irmãs

Virou tudo satanás

Os cordéis em regra geral assumem posições contrárias à modernidade, ao progresso, vistos como prejudiciais às relações familiares e sociais. O processo modernizador era excludente e reforçava a diferença entre os grupos sociais. A população pobre não podia participar de passeios, festejos e mesmo das missas. Por não estarem a altura da elegância exposta pelas elites e com vergonha dos olhares debochados, as pessoas simples restringiam-se à última fileira de bancos reconhecendo “seu lugar”. (SILVA. 1999, p. 178).

Os locais públicos passavam a ser considerados perigosos, pelas pessoas mais tradicionais, e vistos como “espaços de perdição e degradação da moral”, a exemplos dos cinemas. Segundo CHAGAS:

“A preocupação dos religiosos não era apenas com o conteúdo dos filmes exibidos, mas com o próprio espaço do cinema, especialmente com o que poderia acontecer durante as sessões, visto tratar-se de sala escura, onde os jovens sentavam-se próximos uns dos outros.” (2004, p. 54)

A “mocidade” também era tida como a responsável pela decadência dos tempos por se envolverem com mais facilidades nos novos gostos. Os namoros estavam “avançados”, cheios de malícias e falsidades, e escandalizando os locais públicos. Francisco Sales Arêda escreve em “Aviso de Frei Damião e os sinais do fim do mundo”:

Moça hoje não quer mais

Namorar dentro de casa

Quando arranja um namorado

Bota debaixo da aza

E arrasta pra esquina

Pega fogo e vira braza.

Leandro Gomes de Barros afirma que, no entanto, não é apenas a mocidade que está se deixando levar pelos novos tempos. Até mesmo as senhoras de mais idade se utilizam das novidades:

Tinje os cabellos de preto

Bóta pó de arroz na cara

Mira no espelho e diz:

Sou uma beleza rara!

A fructa estando madura

Inda se torna mais cara.

Também o cordelista José Soares menciona outro grupo, o dos homens de idade, que causam injúrias e graça, no trabalho “O divórcio no Brasil”:

De tudo o mais engraçado

É um velho namorar

Só gosa mesmo quem for

De pertinho apreciar

Por essa forma ele diz

Menina serei feliz

Se contigo me casar

Rodolfo Coelho Cavalcante¹², em ABC da vaidade ainda escreve:

Fiquem sabendo leitores

Hoje tudo é vaidade

Moça perdeu o respeito

Acabou-se virgindade

Filho briga com o pae

Da forma que a cousa vae

Não digo nem a metade

¹² Rodolfo Coelho Cavalcante nasceu em Rio Largo – AL em 1919 e morreu em Salvador – BA em 1987. Foi o idealizador e líder de movimento em favor da união dos trovadores. Sua obra é extensa e diversa, da qual citamos “A moça que bateu na mãe e virou cachorra”; “História do Príncipe Formoso”.

A MULHER NO CORDEL

A figura que se almejava para a mulher brasileira moderna, nas primeiras décadas do século XX diferenciava-se muito da imposta durante os séculos anteriores, em que o casamento e a maternidade eram muito valorizados. Ao assumir funções no espaço público, a mulher passou a receber diversas acusações nos discursos religioso, médico/higienista e literário.

Pesquisando, de forma mais objetiva, a figura da mulher como personagem nos folhetos, Beliza Mello afirma que grande maioria dos cordéis analisados, descrevem as mulheres como “excluídas e apartadas por serem introdutoras e/ou reduplicadoras do ‘pecado’ ou da ‘teimosia.’” (MELLO, 2009, pag 86)

Dentre várias definições pejorativas, os cordéis acusavam a mulheres de se preocuparem exageradamente com a beleza, preferindo mostrar-se nas ruas e praças ao invés de cuidar de sua própria casa, de seu marido, enfim de sua família.

“os poetas populares, apesar das mudanças sociais surgidas durante o séc. XX aprisionaram a mulher a um estereótipo, ao mesmo tempo em que reconhecem o poder delas. Isto fica claro nas narrativas de pacto da mulher com o diabo. Cabe a mulher a vitória sobre o diabo. Entretanto é uma autoridade transversa porque projeta a ideia de ser a mulher pior do que o diabo e, portanto, apenas ela pode vencê-lo.” MELLO, 2009 P.95

Quanto à esta realidade, o poeta Rodolfo Coelho Cavalcante relata:

*Domingo diz a sujeita
Meu marido vou a rua
Você fique aqui em casa
Cuidado com a vida sua
Não deixe o nenem chorar
E ela vai passear
Enfeitada e quase nua*

A inserção da mulher no mercado de trabalho, notadamente após a I e II Guerras Mundiais, a conquista de alguns direitos femininos, como o voto, em 1932, liberdade para expressar-se, entre outros, não foram bem vistos pelos setores tradicionais da sociedade.

Assim, elas foram reprimidas também no cordel, sendo consideradas de “juízo fraco”, quando executavam “coisas de homem”. O cordelista José Pacheco¹³, no seu folheto “Mulher no lugar do homem” questiona as práticas assumidas pela mulher no decorrer do século XX:

*Outra quando é bem cedo
Abre no mundo da lua
Com um talão e um lapes
Pra vender bicho na rua
Porque não vai lavar prato
E catar pulga no gato
Deitar galinha e perua*

E destaca, quais seriam os trabalhos corretos para a mulher:

*O trabalho da mulher
Para que não fale o povo,
É amarrar uma cabra,
dar leite a um gato novo,
tratar duma bacorinha
botar milho pra galinha
e reparar se tem ovo.*

No mesmo poema, a presença feminina é tida como um atrativo para as vendas nas casas comerciais. As mulheres utilizariam de sua beleza para iludir os clientes e vender as mercadorias:

*O comerciante diz:
Uma moça no balcão
Solta uma graça ao matuto
Dar-lhe um aperto na mão
Elle belisca a mão della
Compra sem ter precisão.*

Para os cordelistas, o tempo estava mudado, às avessas, com os afazeres de homem e mulher sendo trocados. A independência da mulher não é aceita, mas acontecem casos, como nestes estrofes do cordelista Leandro Gomes de Barros, que critica os homens aproveitadores

¹³ José Pacheco da Rocha nasceu em Corrientes – PE, em 1890 e faleceu em 1954, em Maceió – AL. É considerado um dos cordelistas mais satíricos do Brasil e suas histórias de gracejos são marcantes, a exemplo de “A intriga do cachorro com o gato”. Seus folhetos mais importantes são “História da princesa Rosamunda” e “A chegada de Lampião no inferno”.

e dependentes, “que vive do trabalho da mulher/ embóra que elle só faça/ aquillo que ella quizer”. Antes, o homem deveria sustentar sua esposa:

*Mas, hoje é pelo contrário
Quando um rapaz quer casar
Quer saber se a moça tem
Coragem de trabalhar
Que saiba fechar cigarros
E saiba bem engomar*

Mesmo nos interiores, onde mais se preservava os velhos costumes, afirma que:

*Chega-se nesses sertões
Numa choupana daquela
Ver-se o barbado de cócora
Alcovitando as panelas
Um feixe de lenha junto
Atiçando fogo nellas.*

As atividades femininas e masculinas não poderiam divergir daquelas determinadas pela ética machista, em que a mulher trabalha em casa, cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos e os homens assumem o dito “trabalho pesado” ou qualquer outro tipo de trabalho fora da realidade doméstica para manter o sustento da família.

BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou que o cordel foi um lugar de acolhimento as tradições de valores e costumes . assim, resistiu as praticas modernizadoras que invadiram o país, notadamente a partir das primeiras décadas do século XX, afetando em menor ou maior grau o estilo de vida das pessoas.

Durante muito tempo, o cordel lutou contra as consequências da modernização e das trocas de costumes, pôde enfim aproveitar-se dos benefícios que tais mudanças trouxeram. A começar pela preservação dos folhetos, já que no fim do século XX, o progresso dos meios de produção alterou a imprensa, e a partir da década de 1990 com a informatização, as tipografias foram sendo substituídas por computadores e impressoras, e fechando suas portas. O comércio do cordel foi perdendo a intensidade, no entanto, a produção da poesia popular não parou com o propósito de cultivar os costumes rurais.

O poeta José Viana de Azevêdo, assim como muitos outros, lamentam a falta de interesse dos governantes e da população em geral, em incentivar a cultura popular, discriminada e não aceita por indicar o resgate da tradição.

Alguns sites de internet foram criados para conservar estes trabalhos riquíssimos em cultura, valores e informações, a exemplo da ABLC (Associação Brasileira de Literatura de Cordel), criada em 1988 e a Fundação Casa de Rui Barbosa que disponibiliza os cordeis originais digitalizados.

As cantorias, que eram transcritas para os folhetos, foram igualmente se adaptando e atualmente estão disponíveis em cd's e são vendidos nas feiras ou nos próprios eventos, como eram vendidos os Cordéis. O poeta Cícero Simeão, da cidade de Sapé, por exemplo, na cantoria do dia 03/11/2012 em Lagoa de Dentro, fez a exposição de seu mais novo Cd com 13 canções, e divulgou duas delas.

REFERÊNCIAS

BORGES, Francisca Neuma Fachine, e outros. *Antologia de Literatura de cordel*. Editora Universitária/UFPB/SESC – PB: João Pessoa, 1986.

CHAGAS, Waldecí Ferreira. *As singularidades da modernização na cidade da Parahyba nas décadas de 1910 e 1930*. 2004. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

GIANNOTTI, Vito, *Historia das lutas dos trabalhadores no Brasil*, Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife, Bagaço, 2008.

MELLO, Beliza Áurea de Arruda. *Caleidoscópio feminino do cordel: autoras e personagens*. In: SCHNEIDER, Liane. MACHADO, Charliton(org.). *Mulheres no Brasil: resistências, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2009.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do do Cordel*. Rio de Janeiro: Plurart, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missã: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, Lígia Maria Tavares da. *Forma urbana e cotidiana evolução de João Pessoa*. In: *Saeculum: revista de história*. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1997.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945)*. *Revista Brasileira de História*, vol. 23, nº.46. São Paulo, 2003.

WANDERLEY, Mayrinne Meira. *Por uma era nova: discursos e distinções na Parahyba do Norte (1920)*. IN: *Outras histórias: cultura e poder na Paraíba (1989-1930)*/ Alômia Abrantes; Martinho Guedes dos Santos Neto (organizadores). João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2010.